

REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE A NATUREZA E FÉ, CONTRIBUIÇÕES DE ERNEST CONRADIE

Me. TORQUATO, Nilton Maurício Martins¹

RESUMO

A questão ecológica é um tema de grande atualidade num mundo em constante transformação como o contemporâneo. Vários documentos da ONU já acenaram para a questão, indicando a necessidade do planeta terra tomar atitudes vicinais para que a destruição da natureza seja minorada a fim de garantir a sobrevivência do planeta. Os cristãos possuem neste tema uma posição ainda bastante tímida, seja pela leitura incorreta do próprio texto sagrado ou pelo desinteresse da grande massa de cristãos presentes nas igrejas contemporâneas. Este artigo visa dar conta desta questão buscando tanto um pano de fundo histórico da questão quanto indicando algumas das contribuições de Conradie. No momento da busca do ambiente histórico em que a temática nasceu e se desenvolveu indicando apresentar os principais documentos que norteiam a discussão teórica sobre o tema. Em seguida foi selecionado entre os diversos conceitos desenvolvidos na teologia de Conradie a questão teológica da satisfação como forma de retomar um foco cristocêntrico na pregação cristã, substituindo a teologia desejante que tem invadido os púlpitos contemporâneos. Para conseguir estabelecer este posicionamento teológico ele indica a necessidade de determinar pontos essenciais para que os cristãos desenvolvam um correto posicionamento frente ao Oikos o que evolui, necessariamente, um novo senso de valores aliado a uma atitude positiva frente ao próximo.

PALAVRAS CHAVE: Ecologia; Eco teologia; Cristocêntrico; Satisfação.

ABSTRACT

The ecological issue is a relevant topic in a world in constant transformation as the contemporary. Several UN documents have already dealt about this issue, indicating the need for the planet earth to take urgent actions reducing the destruction of nature to ensure the survival of the planet. Christians have a timid position on this theme, either by the incorrect reading of the sacred text itself or by the disinterest of the great mass of Christians present in the contemporary churches. This article aims to address this issue by seeking both a historical background to the issue and indicating some of Conradie's contributions. At the time of the search of the historical environment in which the theme was born and developed indicating the main documents that guide the theoretical discussion about the theme. Next, the theological question of satisfaction was selected from among the various concepts developed in Conradie's theology as a way of retaking a Christocentric focus in Christian preaching, replacing the desiring theology that has invaded contemporary pulpits. In order to establish this theological position he indicates the need to determine essential points for Christians to develop a correct position in front of the Oikos, which necessarily evolves a new sense of values coupled with a positive attitude towards others.

KEY WORDS: Ecology; Eco Theology; Christocentric; Satisfaction.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental encontra-se no centro do debate mundial. A certeza de que o modo de vida atual da humanidade encontra-se ameaçado pela emissão de

¹ Bacharel em Teologia, Licenciado em História, Pós-graduado em Gestão e Educação Ambiental, Mestre em Educação e Novas Tecnologias. Professor da Faculdade Teológica Betânia em Curitiba.

carbono e pela redução drástica do nível de reservas naturais levou o ser humano a compreender que um novo modelo de crescimento econômico faz-se necessário.

Neste aspecto percebeu-se também que a mera informação da necessidade de um controle ambiental não é a resposta para os problemas que a terra enfrenta. Muitos sabem o que fazer, mas não fazem. Sabe-se da necessidade de reduzir drasticamente o consumo de hidrocarbonetos, mas nem por isto a maioria deixa seu carro em casa para andar de transporte coletivo. Sabe-se que é importante promover a reciclagem, mas nem por isto todos assumem esta tarefa para si. Logo, saber não é a resposta, existem problemas maiores que não se resumem ao campo da mera informação ou formação acadêmica.

Existem problemas que são inerentes ao ser humano como um todo. Problemas que determinam sua ação completamente desconectada com a necessidade coletiva. Problemas que não podem ser resolvidos sem que a esfera espiritual seja acionada, levando-o a compreender-se como parte do todo. É neste aspecto que a religião torna-se de grande importância por perpetrar uma mensagem de reconciliação entre o ser humano, seu criador e a natureza por Ele criada. De todas as forças em questão a que mais tem condições de traduzir o cuidado que se deve ter com o planeta terra é religião. Dentre as religiões é preciso ressaltar a cristã por compreender-se como a parte do Reino de Deus em ação contínua sobre a terra. Logo, ela carrega em sua gênese a própria concepção de que é uma agente do Reino e que possui responsabilidades com a perpetuação do reinado deste Senhor soberano.

Sendo este artigo parte de uma reflexão sobre os desafios que se põe à Teologia no século XXI, irá percorrer a questão ambiental e teológica demonstrando a necessidade aos pastores buscarem uma abordagem mais bíblica para que esta questão possa tomar relevância no contexto brasileiro e latino americano. Por outro lado, busca demonstrar como a transformação teológica pode trazer como consequência um aprofundamento na Verdade de Jesus Cristo e na realidade do ser Igreja no mundo pós-moderno.

1. A QUESTÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO MUNDIAL E BRASILEIRO

Desde que o primeiro ser humano pisou nas planícies pré-históricas ele se relaciona com o meio ambiente. Se no início esta relação é permeada de medo e,

até certo ponto, divinizada, na continuidade o ser humano começa sua longa caminhada até o domínio e suplantação da natureza mediante a tecnologia. Sua longa caminhada o conduz inexoravelmente ao encontro com o maior problema que a humanidade tem que lidar atualmente, a questão da destruição da natureza e, por conseguinte, o dilema ecológico. Em sua caminhada rumo à tecnologia o ser humano percebeu-se como superior ao meio em que vive e não mais parte dele. Dissociou-se do meio de onde veio e tentou construir uma realidade em que predava o ambiente destruindo a si próprio. Desta mudança de paradigma derivam as questões ecológicas e de sustentabilidade que são temas deste artigo.

Na pré-história “a natureza e o divino se confundiam” (RAMOS, 2010, p. 69). O ser humano, frente ao medo e à ausência de explicação científica, venerava as forças da natureza e as personificavam enquanto deuses que agiam no ímpeto de seu humor. No animismo o ser humano encontra a sua primeira ideia sobre o que é a natureza, projetava desejos e carências numa relação assimétrica permeada pela consciência mágica. Diante da necessidade de enfrentar o medo, sobrevivendo frente aos desafios que a natureza lhe impunha, o ser humano aparece pintado nas cavernas como alguém que busca o místico, mas sabendo como assenhorear-se do meio em que vivia, em suas mãos estavam armas. Ramos indica que este enfrentamento do medo de armas na mão indica o caminho que conduz à dialética do esclarecimento explorado pela escola de Frankfurt. “O esclarecimento (Aufklärung) é um processo definido pela busca de livrar-se do medo, tornando-os senhores.” (RAMOS, 2010, p. 71) Este processo teria então seu começo na pré-história e seu fim ainda está sendo construído nos dias de hoje.

A principal ruptura se põe na figura do cristianismo. “No pensamento judaico-cristão, [...] o homem não se situa na natureza, mas perante ela, e o seu destino é concebido independentemente da história do mundo, como um elemento fora de um conjunto” (RAMOS, 2010, p. 75). Alçado à categoria de um ser que possui a imanência do ser divino o ser humano estabelece uma natureza de dominação.

Durante os séculos XV a XVIII vê-se a ampliação do antagonismo e o surgimento do cientificismo. “O instrumento de acesso à natureza para a sua inteligibilidade não advém de princípios imanentes às coisas, mas de uma linguagem (matemática) do sujeito racional que possui a chave para decifrá-la” (RAMOS, 2010, p. 78). Para isto Descartes fornece a chave a partir da separação entre as coisas materiais e o mundo subjetivo pensante. Instaura um dualismo opositor que conduz

a um distanciamento contínuo entre o homem e o meio. “Uma vez desvendado o mecanismo da natureza, ela pode ser dominada, manipulada e usada em proveito dos seres humanos” (RAMOS, 2010, p. 81). É baseada nesta maneira de pensar a natureza que se estrutura a Revolução Industrial e indica a natureza como uma espécie de oposição ao progresso, que deve ser dominada e vencida para o bem do futuro. Esta é a maneira de pensar dominante na sociedade contemporânea.

A Revolução Industrial trouxe consigo a percepção de que a natureza e o desenvolvimento encontravam-se em posição antagônica. A devastação era vista, muitas vezes, como prenúncio do crescimento econômico e da evolução humana. Cada árvore derrubada era percebida como mais um emprego. Logo as cidades europeias cobriram-se de uma camada cinza composta pela fuligem das chaminés de fábricas e locomotivas. Apinhadas de seres humanos, as cidades tornavam-se cada vez menos agradáveis de se viver. O desejo de consumo foi reforçado pela possibilidade de tornar-se cada vez mais moderno. Esta modernidade foi, então, construída à custa da natureza, como se esta fosse um depósito ilimitado de recursos.

A compreensão de que estes recursos não eram ilimitados só vai surgir com a crise do petróleo vivenciada na década de 1970. Neste aspecto é importante ressaltar o surgimento do movimento ecológico no seio da contracultura da Guerra Fria, portanto entre aqueles que buscavam questionar o mundo mediante a tríade de sexo, drogas e Rock-And-Roll. A base do questionamento sustenta-se sobre a contestação que seguisse uma terceira via, diferente do capitalismo e do comunismo vigentes na época (HOBBSAWM, 1998). Um projeto capaz de banir a dualidade entre as potências da época, pois percebia-se que qualquer uma que saísse vitoriosa traria consigo a impossibilidade de equilíbrio planetário. Hobsbawm (1995) indica que a década de 70 traz consigo uma convergência de questões que conduziram a economia mundial a uma crise. Entre os fatores vale ressaltar o fato de que a demanda por petróleo ultrapassa, em muito, a oferta do produto, o surgimento da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e a alta generalizada dos hidrocarbonetos que conduzem a economia mundial à compreensão de que era necessária uma ruptura urgente com o modelo ora vigente. O problema é que este também é o auge da Guerra Fria e as duas nações, EUA e URSS, buscavam provar que superaram a outra, tudo isto à custa de muito lixo sendo depositado sobre a terra.

O relatório do Clube de Roma trazia, então, uma visão alarmante sobre o uso dos recursos naturais. Este relatório leva a UNESCO a indicar a educação como um caminho viável para contornar os problemas ambientais. É neste pressuposto que surgem “o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental em Belgrado, Iugoslávia, em 1975 e a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi, Geórgia – URSS, em 1977” (TOZONI-REIS, 2002, p. 83).

A educação foi vista pelo mundo como a forma de mudar a maneira de pensar da humanidade. “E é aqui que a perspectiva de uma educação emancipatória e democrática representa um papel decisivo para toda a sociedade” (TOZONI-REIS, 2002, p. 87). Sorrentino, Trajber e Ferraro (2005) indicam que esta eminente catástrofe planetária impulsionou uma mudança de caráter político e social. “A educação ambiental trata de uma mudança de paradigma que implica tanto uma revolução científica quanto política” (SORRENTINO; TRAJBER; FERRARO JR, 2005, p. 287). Desenvolve-se então o que Bourdieu (2006) indica como a mão esquerda do Estado. Cabe ao estado, que age buscando o crescimento financeiro através de sua mão direita, usar a esquerda na preservação do constituindo uma nova sociedade que se perpetua pela preservação e redução do impacto. Esta formação necessita ser constituída de forma a que o ser humano, não apenas receba a informação (como muito se faz nas salas de aula), mas interaja com ela de forma a produzir um conhecimento que o liberte das forças aprisionadoras da sociedade que o cerca.

Claro que esta libertação não se faz aos saltos, ela precisa ser estruturada sobre bases teórico-pedagógicas capazes de estimular a reflexão contínua. Para isto “propõe o anel conceitual eco-bio < - > antropossocial, por meio da qual a natureza, sociedade e homem podem ser pensados conjuntamente, suas implicações mútuas podem ser enxergadas a partir do qual essas três noções são ressignificadas” (PIVA, p. 7). Abandona-se a ideia dualista de oposição entre homem e meio, no qual um é visto como predador do outro, busca-se uma proposta de complementariedade capaz de inocular uma nova maneira de pensar tanto o ser quanto o meio.

Neste ponto é essencial compreender-se o papel do Estado enquanto fomentador destas mudanças. Para que o mesmo seja efetivo faz-se necessário a formulação de políticas públicas capazes de suprir educadores capazes de responder à demanda da sociedade. “Uma política representa a organização da

ação do Estado para a solução de um problema ou atendimento de uma demanda específica da sociedade” (SORRENTINO; TRAJBER; FERRARO JR, 2005, p. 287).

Como resultado das preocupações mundiais com o meio ambiente surgem importantes documentos mundiais, dos quais é importante destacar a Rio 92, protocolo de Kyoto, Carta da Terra, Rio +10 e Rio +20. Como se observa a questão ambiental coloca o Brasil no centro das discussões.

Se a questão ambiental é relativamente nova, menos de 45 anos, os movimentos teológicos neste campo são ainda mais recentes e, muitas vezes, vistos com grande desconfiança pelos grupamentos cristãos em geral. Isto se deve principalmente pelo desconhecimento e pelo fato de que, na América Latina, esta teologia começou no âmbito da Teologia da Libertação na Igreja Católica. Esta teologia é vista com alguma desconfiança por parte dos líderes religiosos evangélicos. Cabe a reconstrução das bases teológicas para a elaboração de pressupostos mínimos para o desenvolvimento de uma teologia capaz de responder a estas inquietações sem distanciar-se das bases de fé apregoadas pelos evangélicos brasileiros. É preciso apropriar os elementos que vêm sendo desenvolvidos pela discussão mundial compreendendo o importante papel da teologia no processo de transformação do ser humano a partir de seu interior.

2. A QUESTÃO ECOLÓGICA NA TEOLOGIA DE CONRADIE

Conforme define Conradie a preocupação com a questão ecológica está intimamente ligada à nova onda da teologia contextual. Neste aspecto “Eco-teologia é uma tentativa de recuperar a sabedoria ecológica no cristianismo como resposta aos perigos e injustiças ecológicas” (CONRADIE, 2006, p.3)² Como as discussões sobre ecologia e a teologia podem ser feitas por vários caminhos, optou-se neste artigo buscar a reflexão puramente teológica. Vários autores têm escrito sobre o tema, porém a escolha desta pesquisa recai sobre a obra de Conradie. Os trabalhos de Conradie buscam traçar as bases da eco-teologia principalmente entre as obras produzidas em inglês, alemão e africâner construindo um guia de estudos sobre a questão abordando as principais vertentes e abordagens do tema no âmbito

² Todas as citações em inglês foram traduzidas pelo autor deste artigo.

mundial. Pouco conhecido a nível de Brasil ele possui uma extensa pesquisa na área da ecologia e teologia a partir de sua faculdade na África do Sul.

Conradie se propôs em sua obra dialogar com várias linhas teológicas que pudessem contribuir com a formulação de uma eco-teologia para a África do Sul. Como parâmetro de limitação em sua obra ele usou os anos de 1975 a 2005. A questão linguística foi outra limitação apontada pelo autor. “Como só tenho condições de ler publicações em Africâner, alemão, inglês e alguns idiomas derivados do alemão, existe uma polarização na literatura que consultei através das publicações em inglês” (CONRADIE, 2006, p. 6). Ele mesmo reconhece a ausência de literaturas em espanhol, português, francês, italiano, grego e línguas escandinavas. Isto não nubla em nada seu trabalho pois permite ao estudante encontrar em um só compêndio, não apenas as discussões em torno do assunto nas línguas acima citadas, mas também a coletânea de uma ampla bibliografia concernente ao assunto. Para esta pesquisa foram estudados dois livros do mesmo autor: *Christianity and Ecological Theology* e *Christianity and Earthkeeping*. Ambos essenciais para a compreensão de sua teologia quanto à questão ecológica.

Ernst Conradie é professor de teologia sistemática na Universidade de Western Cape na África do Sul. Sua principal área de pesquisa vem sendo, há cerca de vinte anos, a relação entre a criação divina e a redenção com ênfase na questão ecológica. Atua como coeditor dos jornais *Scriptura & Journal for Religion, Nature and Culture*. Atua ainda como secretário da sociedade teológica da África do Sul e na associação “*Earthkeeping Christian Communities in South Africa*.” Todas estas ações o qualificam como importante estudioso para as questões da teologia e sua relação com o problema ecológico.

Em sua visão a eco-teologia está intimamente ligada às áreas de pesquisa teológica das minorias excluídas. Teologia da Libertação, Teologia Negra, Teologia Feminista e Feminina, Teologia Indígena entre outras são privilegiadas em seu trabalho como tentativas de responder aos problemas do mundo contemporâneo. Neste aspecto é possível inferir que a teologia voltada às questões da preservação e sustentabilidade percorre caminhos próprios de um mundo pós-moderno que se permite perceber as minorias e dar voz às mesmas. “Um ethos ecológico toca virtualmente em todas as áreas da vida e possui implicações em todas as áreas da vida (social, política, economia, negócios, medicina, sexualidade e etnias)” (CONRADIE, 2006, p. 4).

Seu primeiro pressuposto envolve a integração de todos os debates ambientais em torno de três eixos principais para a teologia: A integração do ser ao meio em que vive, a compreensão do meio como uma série de círculos concêntricos que começam no próprio ser e que se estendem ao todo, a percepção de que o termo *oikos* como a casa inteira de Deus. Neste aspecto ele percebe a integração entre a teologia e as questões ecológicas. Em *oikos* ele distingue seis pontos essenciais:

- A integridade da fundação biosférica da casa (a biosfera da terra);
- A gestão da economia da casa;
- A necessidade de reconciliação entre etnias, religiões e violentados como se fosse uma única casa;
- Um pacto quanto às questões de saúde e educação;
- O lugar e espaço das mulheres e crianças na casa;
- Um senso ecumênico de unidade não apenas na Igreja, mas também de toda a comunidade humana como parte da criação divina [...]. (CONRADIE, 2006, p. 17)

Baseado neste pressuposto ele indica ser impossível à teologia responder a estes questionamentos sozinha. Ela depende de uma abordagem interdisciplinar capaz de desenvolver os pressupostos teóricos capazes de trazer a *metanoia*³ necessária ao ser humano. Logo, não se trata apenas de pregar que é necessário cuidar da natureza, torna-se necessária uma nova teologia capaz de integrar o ser com o meio, não apenas uma teologia que o leve a crer na necessidade de cuidar do meio sem que ele se sinta parte dele. Não há como cuidar adequadamente de algo que não é comum ao ser, será sempre uma atitude de cima para baixo, como o ser humano fosse à parte deste meio. Portanto a palavra justiça é resignificada pelo autor mediante uma visão de ecojustiça. “O termo ecojustiça captura a necessidade de uma visão compreensiva de justiça, que pode responder tanto pela injustiça econômica quanto pela degradação ecológica” (CONRADIE, 2006, p. 15). Claro que com isto o autor indica uma visão bastante complexa desta relação com o meio pois precisa inserir neste diálogo de justiça, inclusive aquela prognosticada em Mateus 6:33, o fato de que os atos humanos precisam prefigurar a justiça divina até com aquilo que cerca o ser, ou seja a natureza e o meio ambiente.

Outra questão prévia na escrita do autor envolve o conceito de vítima. Se o olhar fosse exclusivamente biológico perceberíamos uma dicotomia entre o humano e o ambiente, não humano. Em sua visão o homem é tanto agressor como vítima de suas ações. Contudo ele ressalta que estes humanos vitimados pela degradação

³ Termo grego usado como conversão, ou mudança de mente.

não são os mesmos que mais a causam . Existe uma injustiça sócio-econômica que traz consigo uma degradação ainda maior. Os pobres à beira de um rio, desprovidos de água tratada e esgotos trazem uma poluição maior do que aqueles que possuem tais benefícios da urbanização. Isto se deve ao fato de que estes não possuem de meios para minimizar seu, já pequeno, impacto enquanto os últimos, mesmo impactando a cadeia de consumo de forma mais marcante, possuem meios para minimizar os efeitos imediatos. Claro que o impacto ambiental final, não apenas perceptível no final da cadeia, é maior para os que possuem maior poder aquisitivo. O consumo traz consigo a retirada de mais produtos da terra, mais terra para plantar, maior poluição atmosférica, entre outros. Logo, embora sua sujeira não seja imediatamente perceptível criam maior impacto ambiental. Logo, a questão ambiental precisa passar pela justiça social, não apenas incluindo os pobres na cadeia de consumo, mas redistribuindo melhor os recursos entre todos os homens.

O seu debate teológico, baseado nos pressupostos anteriormente esboçados, começa a partir da questão de como a mensagem cristã pode afetar o ser humano a fim de fazê-lo compreender seu papel na terra. Para isto ele indica a necessidade de mudança de paradigma, começando na visão de mundo individual e seguindo pela cosmovisão da Igreja. Por cosmovisão o autor entende que seja socialmente construída mediante as múltiplas influências que perpassam a história do ser humano, portanto é historicamente construída. Neste aspecto ele ressalta a contribuição maior da Igreja local como formadora deste microcosmos onde futuras gerações podem trazer inovações em nível local com alcance mundial. “É uma falácia liberal imaginar que a informação e a educação formem um caminho para a ação moral. É menos um problema de saber como ou saber o que, é mais saber o porque e saber o resultado” (CONRADIE, 2011, p 12).

Neste aspecto ele traz à tona a base teológica que está desenvolvendo o discurso teológico da Igreja aliada ao grande capital. Um discurso que privilegia o desejo. É a teologia desejante que empurra o ser humano a buscar o prazer fora da comunhão com o Pai e do exercício da bondade ensinada por Deus. Muitos imaginam que a solução do problema de suas vidas é o encontro com o desejo prefigurado no consumo, sem perceber que isto amplia o problema ecológico, social e político além de sua própria existência espiritual. É uma teologia baseada no consumismo e não na gratidão.

Para embasar esta proposição ele indica que a forma de consumo estabelecida nas classes média e alta é impraticável no longo prazo devido ao lixo que produz e pela necessidade crescente de mais insumo para produção. Logo, este consumismo leva ao agravamento da situação ambiental gerando ainda mais exclusão social e violência urbana. Esta violência vem do fato de que os excluídos desejam o consumo das classes com acesso ao mesmo, como não há caminho viável para as mesmas, o roubo e a violência tornam-se os veículos que permitem o consumo a qualquer preço.

Outras questões ligadas ao consumismo refere-se ao fato de que o mesmo torna-se uma espécie de idolatria por colocar objetos no centro e Deus na periferia. Caberia então uma teologia que indicasse a presença divina como central na vida do ser humano, ensinando-o a ser feliz com o Senhor sem que se dediquem a um vazio advindo do consumismo. O ser humano torna-se escravo do que lhe toma a maior parte do tempo, logo, escraviza-se no consumismo buscando ter o que não necessita e vive em busca do recurso para saudar os custos deste vício. Numa palavra simples, torna-se vítima de seus próprios desejos. Logo, libertar o cristão do consumismo é torná-lo livre de si mesmo, levando-o à verdade que o liberta (João 8:32).

Neste ponto é essencial afirmar que o autor distingue consumo de consumismo. O consumo atende às necessidades do ser humano, o consumismo gera uma constante insatisfação. O consumo é guiado pela razão, o consumismo pela emoção manifesta no desejo. O consumo leva ao amor pelas pessoas e o uso das coisas, no consumismo amam-se as coisas e usam-se as pessoas. O “consumismo traz, mesmo quando o desejo é satisfeito, a experiência de ter mais e desfrutar menos” (CONRADIE, 2011, p. 30). Num ciclo sem fim onde o ser humano propõe a alegria no outro lado da curva, mas descobre que ainda existem muitas curvas pela frente. “Como na história de Midas cujo toque transformava tudo em ouro, incluindo para seu horror sua própria filha, pessoas na classe consumista também experimentam o fato de que a afluência material pode ir tão longe que o senso de família pode ser perdido no processo” (CONRADIE, 2011, p. 32). Não é de se admirar que tantos lares estejam sendo desfeitos. Não ha tempo para os filhos, nem mesmo para o cônjuge. Na verdade é possível observar que a mesma ânsia pelo consumo está produzindo casamentos cada vez mais pobres em sua base. Casamentos em que o desejo é mais importante do que o amor, onde conseguir o

prazer não encontra qualquer limite. O desejo acaba transformando todos e tudo em objeto de consumo, mesmo a religião acaba sendo parte deste processo, estereotipando-se em busca de mais adeptos, perdendo sua posição profética e adotando uma atitude subserviente ao consumismo.

Exatamente este é um problema apontado, a Igreja como objeto de consumo que assume uma postura consonante com o deus do consumo. A Igreja acaba sendo um dos canais deste desejo ao assumir uma teologia baseada na prosperidade e não na gratidão. “Um retorno à virtude cristã da simplicidade pode enfatizar a liberdade interior que liberta a pessoa do devorador desejo que leva mesquinamente a mais possessões, consumo e controle sobre o próximo” (CONRADIE, 2006, p. 37). Como coloca Bauman: “desejo não deseja ser satisfeito. Pelo contrário, desejo deseja desejar; o desejo deseja um consumidor ideal a qualquer custo” (BAUMAN, 2004, p. 49). Contrapondo-se a isso ele indica o caminho de uma teologia da satisfação, onde se reconhece o que é o bastante, onde se percebe a satisfação em tudo o que se tem. Não é uma teologia da acomodação pois indica a necessidade de buscar o bem do próximo e da possibilidade de transformação da natureza e da sociedade. Uma teologia que passa a enxergar o próximo e não apenas a si próprio. Uma teologia que afasta o ser humano da sina descrita em Salmo 81:12 onde Deus afirma que “[...] os entreguei aos desejos dos seus corações, e andaram nos seus próprios conselhos.”⁴ Seres que se tornaram feridas abertas impossíveis de serem cicatrizadas pois encontram-se cobertas do pus do desejo irrefreado.

Desta forma o autor indica a temperança como forma da Igreja alcançar a presença contínua de Deus e abandonar o desejo do mundo. Esta temperança é manifestada pela Igreja mediante a simplicidade, moderação, paciência, humildade e gentileza. Desta forma o autor propõe o abandono da ambição de Eclesiastes 2 e a adoção do estilo de vida simples de Eclesiastes 9:7-9.

Uma teologia ecológica precisa ressaltar nosso entendimento do lugar da humanidade dentro da comunidade terrestre. Uma compreensão ecológica do local de existência da humanidade na comunidade da Terra deve, portanto, explorar alternativas, tais como companheirismo (literalmente partilhar o pão um com o outro), a solidariedade e a co-existência com outras espécies com base em misericórdia, gratidão e respeito à alteridade. (CONRADIE, 2011, p. 36)

⁴ Bíblia sagrada.

Este texto resume bem a sua abordagem. Não basta apenas crescer a questão ecológica, é preciso uma Igreja que se compreenda nova, responsável e prioritariamente cristã, a despeito da sociedade que a cerca. Para que esta nova mentalidade seja corretamente implantada ele indica duas raízes que devem ser arrancadas pela Igreja: alienação e antropocentrismo.

A questão da alienação não deve ser entendida apenas mediante o viés do marxismo. Não é uma alienação apenas legal, econômica ou religiosa. Trata-se da adoção de um dualismo religioso que afeta diretamente a maneira de pensar dos cristãos. Um dualismo entre sagrado e profano, entre santo e pecador, entre homem e meio ambiente. Trata-se de um autismo do ser humano em direção à natureza, seu próximo e, conseqüentemente, com seu Deus, pois não se pode amar a Deus que não se vê, se não se exerce amor com o próximo a quem se vê (I João 4:20). No lugar desta forma de agir ele indica a necessidade de levar o ser humano à compreensão de que Deus não os retirou do mundo, mas aqui os colocou para serem agentes de mudança.

A segunda questão é ainda mais séria no ponto em que ela contrasta completamente com a base inicial da fé cristã que é teocêntrica. Claro que a visão de imagem de Deus inerente à criação do ser humano acaba trazendo condições para que este homem/mulher compreenda-se superior a toda a criação. Deus foi quem deu domínio para o ser humano sobre a natureza. Ele mesmo concedeu a ele o direito de dar os nomes e cuidar da terra. O grande problema é que este domínio tem sido transmutado em superioridade e distância da criação onde ele habita. É preciso compreender que este antropocentrismo só conseguiu angariar forças a partir do renascimento e plasmou de forma indelével a teologia protestante e reformada. “A tentação de reduzir a teologia à antropologia precisa ser resistida, contudo é mais fácil falar do que fazer. É uma falácia que os humanos sejam a medida de tudo o que existe no cosmos e mesmo que transcenda a este cosmos.[...] Humanidade é um tema da teologia não à despeito, mas por causa de Deus.” (CONRADIE, 2006, p. 57). Faz-se necessário a restauração de uma teologia de base cristocêntrica. Uma teologia em que a Verdade reencontre a sua centralidade e o ser humano a sua posição de filho por adoção e servo do Deus todo poderoso. Uma teologia que rejeite definitivamente o senhorio humano sobre a divindade e o próximo (entre os próximos está a natureza). Uma teologia que restaure a posição divinatória do salvador e a implantação de um reino de justiça sobre a terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa indicou a necessidade de discutir-se o tema da preservação ecológica. Manter-se completamente neutro é tomar o partido da devastação em uma terra sufocada pelo aquecimento global e pela constante emissão de gás carbônico.

Neste debate algumas vozes cristãs têm sido levantadas como profetas de um tempo de destruição. Não cabe aqui uma visão meramente calamitosa, mas realista em que o reconhecimento do iminente fracasso do sistema extrativista hora adotado e de uma crise ambiental que castiga exatamente aqueles que mais dependem das benesses da natureza. Neste panorama é imprescindível que os cristãos assumam uma posição de vanguarda indicando caminhos para a sociedade seguir. Como profetas, tomando a dianteira do problema e discutindo com coragem baseados na Palavra de Deus.

Algumas questões aqui levantadas lançam luz sobre possibilidades que podem ser adotadas no púlpito das Igrejas, como a adoção de uma teologia que privilegie a gratidão em detrimento da petição. Desta forma, a própria doutrina estaria blindada contra modismos que varrem doutrinariamente os púlpitos cristãos hodiernos. Pregar o desejo marca a inconsequência de grupos religiosos, pois amplia as crises ambientais além de trazer uma dificuldade hermenêutica da palavra de Deus quando a resposta miraculosa não se apresenta. Claramente intencionando sucesso e marketing religioso transforma a fé em mais um objeto negociável, capaz de trazer lucro e fama àqueles que a vendem. Deus não é um objeto a ser vendido pelo marketing, ele é uma pessoa com quem o cristão deve se relacionar.

Uma das questões que foram percebidas como limitação no processo tem a ver com a prática de vida moldada em outro parâmetro, mais cristão e menos desejante. O retorno a um evangelho cristocêntrico em oposição à pregação antropocêntrica. Conradie detalha esta visão em sua obra *Christianity and Earthkeeping*. Outra questão percebida envolve uma revisão na visão escatológica da Igreja que acaba referendando a destruição do planeta sob a égide de que Jesus voltará e a terra será destruída mesmo. Esta visão também é percebida por Conradie buscando demarcar possíveis interpretações escatológicas que envolvam a responsabilidade do cristão sobre a terra como forma de honrar a determinação divina para o homem, cuidar da terra.

Enfim, longe de ser o final de um percurso, esta pesquisa indicou possibilidades a serem exploradas em futuras pós-graduações que este pesquisador for seguir. Indicou também a necessidade de pensar a terra como um todo e os seres que nela vivem como intimamente integrados pela própria sobrevivência.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOURDIEU, P. **As Estruturas Sociais da Economia**. Porto: Campo das Letras, 2006.

CONRADIE, E. **Christianity and Ecological Theology: resouces for futher research**. Stellenbosch: Africa Sun Media, 2006.

_____. **Christianity and Earthkeeping: In search of an inspiring vision**. Stellenbosch: Africa Sun Media, 2011.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

_____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

PIVA, A. **A difusão do pensamento de Edgar Morin na pesquisa em educação ambiental no Brasil**. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/adriana.piva.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

RAMOS, E. C. O Processo De Constituição Das Concepções De Natureza. Uma Contribuição Para O Debate Na Educação Ambiental. **Ambiente & Educação**, 2010. v. 15, n. 1, p. 67–91. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ambeduc/article/viewFile/905/915>>.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; FERRARO JR, L. A. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, 2005. v. 31, n. 2, p. 285–299. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2.pdf>>.

TOZONI-REIS, M. F. D. . Formação dos educadores ambientais e paradigmas em trasição. **Ciência & Educação**, 2002. v. 8, n. 1, p. 83–96.